Thomas Mann

Ouvintes alemães!

Discursos contra Hitler (1940-1945)

Tradução:
Antonio Carlos dos Santos e Renato Zwick

SBD-FFLCH-USP
324050

ZAHAR
Rio de Janeiro

Walt Whitman. Mas é de preferência em seu nome, e não em nome dos canastrões românticos tardios da germanidade, que o mundo por vir prestará seu juramento.

27 de junho de 1943

Ouvintes alemães!

Nós, europeus, mesmo quando estamos a ponto de obter a cidadania no Novo Mundo, queremos nos sentir orgulhosos de nossa velha Europa. É um continente realmente admirável! Seria muito mais fácil e confortável para seus povos conformar-se com a infame "Nova Ordem" de Hitler, entregar-se à escravidão, colaborar com a "Alemanha dos nazis", como agora é chamada. Mas isso eles não fizeram.

Os anos repletos do mais brutal terror, de martírio e execuções, não foram suficientes para quebrar sua resistência. Ao contrário, eles a tornaram ainda mais forte, e a "Europa unida para a defesa de seus bens sagrados contra a invasão dos estrangeiros" é a mais miserável das mentiras nazistas. Os estrangeiros, contra os quais os bens sagrados deviam ser protegidos, são eles, os nazistas, e ninguém mais. Apenas uma parte pequena e corrupta da classe superior, uma corja de traidores para quem nada é mais sagrado que o dinheiro e as vantagens, trabalha com eles. Os povos se negam a isso, e quanto mais evidente se mostra a vitória dos Aliados, mais cresce sua revolta contra o que lhes parece insuportável.

Sete milhões de pessoas foram deportadas para campos de trabalhos forçados, cerca de um milhão foram executadas ou assassinadas e 10 mil suportam o inferno dos campos de concentração. Isso de nada adianta – a luta desigual e heroica continua.

Sabem vocês, alemães, que foram mortos pelo menos 150 mil homens das tropas alemãs e italianas nos países ocupados? Sabem que pelo menos 250 *quisling* – é esse agora o substantivo coletivo pata os nativos que colaboram com Hitler – foram mortos nos países da Europa? Através da sabotagem, a produção de guerra para o Eixo em muitas regiões foi reduzida em 30%. É esse o trabalho de organizações clandestinas que, anônimas, inglórias, dão a vida para ajudar na fuga de presos, na destruição de material de guerra e, através de publicações ilegais, na manutenção do espírito de resistência do povo – jornais cuja tiragem chega às vezes a 100 mil exemplares.

Por isso digo: hontados sejam os povos da Europa! E eu ainda actescento algo que, nesse momento, pode soar esrranho a muitos dos que me ouvem: honrado seja o povo alemão, e digno de nossa compaixão! A teoria de que entre ele e o nazismo não se pode estabelecer diferença, de que alemão e nacional-socialista são uma e a mesma coisa, é por vezes defendida nos países aliados com algum espírito; mas ela é insustentável e não consegue se impor. Muitos fatos falam contra isso: a Alemanha se defendeu e continua a se defender, tão bem quanto os outros. O que acontece clandestinamente agora nos países subjugados é mais ou menos uma repetição do que aconteceu

na Alemanha há dez anos e utiliza em parte as experiências dos ilegais alemães.

Quem conhece o número daqueles que, no Estado de Himmler, pagaram seu idealismo, sua fé inabalável na justiça e na liberdade, com o martírio e a morte? Com a eclosão da guerra, havia na Alemanha 200 mil prisioneiros políticos, e na imprensa alemã crescia sem parar a publicação de sentenças de morte e penas de prisão por alta traição, sabotagem etc. – e esses são apenas os casos reconhecidos e aqueles que foram apanhados. Essa é a Alemanha que segue unida o seu líder!

Neste verão, o mundo se comoveu profundamente com os acontecimentos na Universidade de Munique, cujas notícias nos chegaram pelos jornais suíços e suecos, primeiro sem muita clareza, e logo com detalhes cada vez mais impactantes. Sabemos agora de Hans Scholl, o sobrevivente de Stalingrado, e de sua irmã, de Christoph Probst, do professor Huber e de todos os outros; da revolta dos estudantes na Páscoa contra o discurso obsceno de um bonzo nazista no *auditorium maximum*, de seu martírio, dos folhetos que eles distribuíam e nos quais há palavras que reparam muito daquilo que em certos anos infelizes foi cometido nas universidades alemãs contra o espírito de liberdade alemão. É, foi aflitiva essa predisposição da juventude alemã – justamente da juventude – para a revolução mentirosa do nacional-socialismo. Agora seus olhos se abriram e por isso eles põem a cabeça jovem sobre o cepo do carrasco, para a glória da Alemanha – colocam-na aí depois de dizer na cara dos juízes nazistas: "Logo vocês estarão aqui, onde agora

estou"; depois de testemunhar diante da morte: "Nasce uma nova fé na liberdade e na honra!"

Corajosa e magnífica juventude! Vocês não terão morrido à toa, não serão esquecidos. Os nazistas erigiram monumentos para arruaceiros imundos e criminosos comuns – a revolução alemã, a verdadeira, vai derrubá-los e eternizará em seu lugar o nome daqueles que, quando a noite ainda escurecia a Europa e a Alemanha, anunciaram: "Nasce uma nova fé na liberdade e na honra!"

27 de julho de 1943

Ouvintes alemães!

O fascismo italiano está morto. Faz tempo que ninguém dá nada por ele – lá na sua terra ele sempre foi apenas tolerado, mas quando fez sua aliança com Hitler e a guerra sórdida contra a França, quando rebaixou este país à condição de província nazista, quando o sangue italiano correu aos borbotões na Rússia, as derrotas vieram e o império foi para o inferno, então o desprezo da juventude, da intelectualidade e de todo o povo não teve mais limites. A invasão da Sicília e o bombardeio de Roma lhe deram o golpe final. O líder e seu bando estão na cadeia, também aquele senhor Scorza, o cabeça dos esquadristas*

* Milícia fascista italiana comandada por Carlos Scorza. Nos últimos anos da guerra, Scorza foi secretário do Partido Nacional Fascista. Após o conflito, fugiu para a Argentina, voltando à Itália em 1969. Morreu em um povoado próximo de Florença em 1988. (N.T.)